

PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM ESQUETES IMPROVISADOS NA SALA DE AULA

Rafael Batista Andrade
rafael.andrade@ifmg.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/3534941740306454>

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos relatar a experiência de uma metodologia para se trabalhar com os gêneros orais nos cursos de ensino técnico-integrado. O trabalho surgiu da necessidade de se privilegiar também a produção de gêneros da modalidade oral nesses cursos. Em termos metodológicos e teóricos, partimos de uma seleção prévia de três gêneros com suas respectivas definições e da concepção de gêneros textuais. Como resultado, percebemos que várias características dos gêneros textuais escolhidos foram consideradas na produção textual dos alunos em formato de esquetes improvisados, fazendo com que eles compreendessem noções como gênero ou subgênero textual, situação de comunicação, variação linguística e tipo textual enquanto estratégias essenciais no processo de produção de gêneros textuais orais. Esse resultado é visto como parcial, despertando a curiosidade dos alunos sobre o assunto e incentivando uma maior abrangência do trabalho com os gêneros orais em sala de aula.

Palavras-chave: Gênero textual; Modalidade oral; Tipos textuais; Esquete.

Introdução

Partindo do pressuposto de que o ensino de línguas está baseado no conceito de língua como produto humano e social que organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de uma determinada comunidade linguística (PCN, 2000), fica nítida a necessidade de se trabalhar com os gêneros textuais na escola. No entanto, ainda que possamos encontrar um número considerável de trabalhos que enfocam a produção textual levando em consideração a noção de gênero textual, percebemos uma lacuna no que diz respeito ao ensino de produção de gêneros textuais da modalidade oral.

Por essa razão, procuramos desenvolver o presente trabalho com alunos do ensino médio dos cursos integrados de Edificações, Mecânica e Mineração do IFMG - Congonhas em 2015. Para isso, julgamos que o foco do professor de língua deve estar no desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, uma vez que esta é vista como uma metacompetência que engloba a competência linguística e a competência textual (Travaglia, 2009). Entretanto, privilegamos a produção de gêneros textuais da

modalidade oral, já que ela nem sempre encontra o espaço que deveria ocupar em muitas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

A fim de esclarecer as várias etapas do trabalho, optamos por dividir o presente relato em quatro seções. Em primeiro lugar, apresentamos os pressupostos teóricos que direcionaram o trabalho. Na segunda seção, evidenciamos os aspectos metodológicos e teóricos para a produção de gêneros textuais na modalidade oral em esquetes improvisados. As considerações sobre o desenvolvimento do trabalho são feitas na terceira seção a partir da exposição da definição de cada gênero trabalhado. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1.1 O enlace necessário entre teatro, educação e linguística

A relação entre educação e teatro é uma abordagem relevante em termos pedagógicos, tanto que Japiassu (2001) dedicou-se ao tema. O autor nos lembra em seu estudo que Courtney (1980) já destacava a vinculação entre os estudos e reflexões sobre aspectos educativos do teatro e as ideologias implícitas nas teorias da educação. No entanto, foi a partir do estudo da própria noção de gêneros textuais que nasceu esse projeto de se trabalhar com os gêneros textuais orais em esquetes improvisados.

Maingueneau (2014), ao expor a noção de cena de enunciação, lembra-nos que Goffman recorreu à metáfora do mundo do teatro para explicar as interações conversacionais. Assim, o autor francês evidencia que os gêneros de discurso mobilizam seus participantes através de um papel determinado, fazendo referência também ao teatro.

Tal fato acabou por direcionar este trabalho que relatamos, pois, a partir dessa concepção, sabíamos que, durante a produção de um dado gênero, os alunos deveriam assumir determinados papéis sociais que direcionariam vários aspectos dos gêneros mobilizados. Não obstante, precisávamos lançar mão de um método prático para que eles compreendessem como iriam assumir um papel social imposto por determinado gênero textual. Assim, para atingir esse objetivo, recorreremos à noção de esquete, que direcionou a produção textual dos alunos.

Passamos então para a exposição desse conceito. O esquete é definido por Pavis (1999, p. 143) como "uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos". Além disso, preferimos ressaltar que, em nossa proposta, se trataria de um esquete improvisado para evidenciarmos o tempo curto que os alunos tiveram para preparar a apresentação.

1.2 A noção de gêneros textuais

O conceito de gênero textual é hoje um dos principais pilares do ensino de língua materna. Desde que o estudo do texto passou a ser o cerne dessa disciplina na educação básica brasileira, a noção de gênero discursivo de Bakhtin (2003) veio ganhando contribuições de vários autores e assumindo várias tendências.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 152), essas diversas tendências podem ser resumidas, no Brasil, em quatro linhas. Na primeira, destaca-se um trabalho com os gêneros a partir de abordagens teóricas do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart e dos trabalhos desenvolvidos na Escola de Genebra com um enfoque voltado para o ensino de língua materna. A segunda perspectiva segue os trabalhos de John Swales, concentrando-se em pesquisas de universidades como a UFC, a UFSC e a UFSM. Na terceira linha, destaca-se uma abordagem sistêmico-funcional a partir de estudos da Escola Australiana de Sydney. Por fim, tem-se uma perspectiva mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart constituindo-se a quarta linha.

Para o desenvolvimento do trabalho relatado, levamos em consideração a exposição de alguns conceitos apresentados por Marcuschi (2008), visto que o autor procurou esclarecer determinados conceitos a partir de várias teorias e com o objetivo de dar contribuições para o ensino de língua materna. Assim, ele demonstra que o termo gênero textual é usado para fazer referência aos "textos materializados em situações comunicativas recorrentes" (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Além disso, o autor brasileiro continua a explanação, fornecendo os seguintes detalhes.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Outra contribuição do autor para a nossa proposta de ensino dos gêneros orais em esquetes improvisados está na exposição do conceito de tipo textual, em que, mais uma vez, ele traz contribuições de diferentes pesquisadores para aclarar tal definição com fins didáticos. Assim, ele diz que

tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção* (MARCUSCHI, 2008, p. 154, grifos do autor).

Essa distinção foi essencial para o desenvolvimento de nosso trabalho e, com ela, nossos alunos puderam produzir os gêneros textuais da modalidade oral que propusemos, compreendendo sua importância na produção de textos reais e com finalidades sociais claras. Em consequência, a identificação dos gêneros produzidos por outros alunos tiveram justificativas claras por tal embasamento teórico proporcionar um estudo de textos com critérios científicos, sem nos destituirmos da criatividade, da parceria e da praticidade oferecidas pelo teatro.

2. Procedimentos metodológicos adotados

Após nos assegurarmos que a nossa proposta encontrava um respaldo teórico eficaz e atualizado, como procuramos demonstrar na seção anterior, passamos a pensar em um trabalho que aproveitasse ao máximo o tempo próprio das aulas para sua preparação, execução e avaliação. Isso por levarmos em consideração a especificidade dessas turmas que, em geral, possuem uma carga horária extensa.

Acreditamos que tal fato deveria, portanto, ser um dos fatores determinantes em alguns trabalhos que propusemos ao longo do ano letivo. Por isso, propusemos o trabalho relatado aqui para ser desenvolvido em uma média de quatro aulas, motivo pelo qual escolhemos a produção de texto em esquetes improvisados. Tal escolha acabou surpreendendo-nos a todos, tanto pelo empenho em sua produção quanto pelo resultado do trabalho.

Assim, decidimos que, ao invés de privilegiar o estudo sistemático de um gênero textual - trabalho, sem dúvida alguma, de suma importância e que também desenvolvemos em outras ocasiões - havíamos decidido focalizar o trabalho simultâneo de vários gêneros textuais orais. Além do mais, também resolvemos não nos preocuparmos com uma aula expositiva para cada gênero, pois acreditamos que, a partir da produção proposta por determinado grupo, os outros alunos poderiam identificar as diversas estratégias mobilizadas para a produção de cada gênero textual na modalidade oral.

Por conseguinte, elaboramos o seguinte quadro para instruções e avaliação. Nele, incluímos, de um lado, os gêneros textuais com os quais trabalhamos e, de outro lado, as características composicionais dos gêneros que direcionaram a sua produção e avaliação.

Gêneros textuais	Traços característicos dos gêneros
Debate	Identificação do gênero ou subgênero
Congratulação	Situação de comunicação a que o gênero produzido está submetido
Caso	Finalidade do gênero ou subgênero produzido
Queixa-Crime	Especificidades linguísticas impostas: variação linguística, escolha lexical etc.
Radionovela	Tipo textual predominante do gênero textual produzido
Palestra	Estrutura composicional do gênero textual produzido
Interrogatório	Especificação dos papéis sociais presentes no gênero textual produzido

A partir dele, separamos um momento das aulas para explicações e orientações dos conceitos apresentados no quadro, contemplando outros gêneros textuais orais não selecionados para toda a sala. Após isso, dividimos a turma em sete grupos e sorteamos um gênero textual da modalidade oral para cada um. Em seguida, cada grupo teve um tempo aproximado de dez minutos para ler uma breve definição do gênero, fazer uma breve pesquisa, interagir com o professor e os colegas do grupo para uma elaboração prévia do esquete que deveria ser improvisado, respeitando o tempo máximo de dez minutos.

Tudo isso foi feito ocupando espaços diferentes do *campus*, usando recursos tecnológicos próprios, como celular, tablet e laptop ou o laboratório de informática da escola. Além disso, também foi solicitado que se mantivesse sigilo sobre a produção de cada grupo, já que os demais alunos teriam que, após a apresentação de um determinado grupo, inferir qual era o gênero textual oral produzido, justificando, oralmente, a identificação de tal gênero a partir de elementos que o constituem, conforme demonstramos no quadro anterior.

3. Considerações sobre o desenvolvimento do trabalho

Nesta seção, vamos apresentar o trabalho a partir dos três primeiros gêneros presentes no quadro da seção anterior. Embora, neste quadro, havíamos apresentado todos os gêneros que selecionamos para o desenvolvimento do trabalho relatado, aqui o contextualizaremos apenas a partir de três casos, que, no entanto, serão suficientes para demonstrar a produtividade do método utilizado. Ressaltamos a importância que o livro *Dicionário de gêneros textuais* (COSTA, 2012) teve na seleção prévia desses gêneros, pois, já que decidimos não focar o estudo mais abrangente de cada um deles, era essencial encontrarmos uma referência mínima para direcionar a produção textual de nossos alunos.

3.1 Produção de debate em esquete improvisado

No caso desse gênero textual, vamos reproduzir apenas parte da sua conceituação devido à extensão do verbete. Também por esse motivo, não apresentaremos todos os subgêneros indicados pelo autor, restringindo-nos somente àquele selecionado pelos alunos.

DEBATE (v. COLÓQUIO, CONVERSA/CONVERSAÇÃO, DEBATE, DIÁLOGO, DISCUSSÃO, FÓRUM): no cotidiano, altercação, contenda, por meio de palavras ou argumentos ou exposição de razões em defesa de uma opinião ou contra um argumento, ordem, decisão, etc. (...)Na política, discussão (v.), argumentação (v.) e resolução formais de uma moção (v.) diante de uma assembleia legislativa ou outro corpo deliberativo público, de acordo com as regras do procedimento parlamentar ou regulamentar. Pertencente mais comumente à comunicação oral, em todos seus tipos, predomina a linguagem argumentativa e/ou expositiva.

c) debate público regrado: os debates podem ter uma forma livre, e cada debatedor expressa o que pensa e o que acha sobre o tema, ou podem também ter regras (debate regrado), com a presença de um moderador que assegura o papel de síntese, de reenfoque, de reproposição, não permitindo uma dispersão desnecessária. Este é um modelo de debate muito comum, usado pelos meios de comunicação, em época de eleições. (COSTA, 2009, p. 82-83).

O primeiro aspecto que merece atenção em relação à produção desse gênero textual é que os grupos que se responsabilizaram pela a produção desse esquete tinham em mãos uma definição mais abrangente em comparação com a definição de outros gêneros. Nesse próprio verbete, os integrantes desses grupos já encontraram informações explícitas de que o tipo textual predominante do gênero debate varia entre o tipo argumentativo e o tipo expositivo. Além disso, a menção à política também acabou direcionando a escolha do subgênero como debate público regrado, por exemplo.

No entanto, outros aspectos composicionais desse gênero exigiram que os alunos investigassem mais a seu respeito. A título de exemplo, na interação entre alunos e professor, indagamos a respeito da variedade linguística, dos papéis sociais e da estrutura composicional do gênero. Isso com a finalidade de que cada grupo deixasse claro essas escolhas ou imposições discursivas para que os demais alunos pudessem

identificar o gênero discursivo representado e justificar essa escolha através dos conceitos expostos no quadro da seção anterior.

O resultado foi bastante favorável, pois, ainda que muitos alunos não conhecessem o termo "debate regrado", muitos conseguiram perceber o papel social de um jornalista ou alguém que poderia substituí-lo frente a candidatos à presidência da república, à prefeitura etc. Além disso, perceberam que esse moderador tinha papel fundamental na estrutura composicional do gênero debate, pois determinava seu início, meio e fim. Os alunos também depreenderam, a partir do esquete que foi improvisado, o uso da variedade padrão e de um léxico que transita entre o técnico e o vocabulário mais utilizado no cotidiano dos eleitores brasileiros.

3.2 Produção de congratulação em esquete improvisado

Reproduzimos a seguir a definição desse gênero textual para expormos algumas considerações em relação à sua produção.

CONGRATULAÇÃO (v. APOLOGIA, CUMPRIMENTO, FELICITAÇÃO, LOUVAÇÃO, LOUVAMENTO, LOUVOR, MENSAGEM): mensagem (v) ou fórmulas, orais ou escritas, de cordialidade que servem para congratular-se com alguém quando de um evento de aniversário, formatura, bodas, etc. Geralmente são textos breves e formais ou não - dependendo da relação entre os interlocutores ou do grau de solenidade do evento, padronizados (fórmulas) pelo uso constante -, de parabéns, felicitações, cumprimentos. (Estas palavras, nesse sentido, podem, às vezes, ser usadas também no singular). (COSTA, 2012, p. 73).

Nessa definição, percebemos um destaque para o fato desse gênero poder ser concretizado tanto a partir de práticas da modalidade oral quanto da modalidade escrita. No entanto, como focalizamos a produção de gêneros textuais orais, o fato que diferenciou a produção de um grupo em relação a outro foi a questão da variação linguística. Houve grupo que optou por uma festa de aniversário, compreendendo essa situação como marcada pela informalidade; houve grupo que escolheu a formatura, marcada pela formalidade.

Em comparação com o debate, a questão do tipo textual predominante na congratulação não foi explicitada no verbete. Assim, os integrantes do grupo, ao distribuir as tarefas que cada um teria na produção do esquete, encarregaram um dos alunos para investigar sobre o assunto. Na pequena pesquisa realizada, o grupo demonstrou a preponderância dos tipos textuais narrativo e expositivo.

Por fim, na produção dos esquetes, também pudemos perceber como a situação de comunicação a que o gênero produzido está submetido determina, por exemplo, a estrutura do gênero. Embora se tratasse da produção de um mesmo gênero, ficou clara a diferença entre a estrutura de uma congratulação em uma festa de aniversário e em uma formatura de alunos do ensino técnico. O que reforça a ideia já apontada por Bakhtin de que os gêneros discursivos são "relativamente estáveis". Ou seja, nesse caso, compreendeu-se que a estrutura composicional de uma congratulação pode variar conforme determinada situação de comunicação.

3.3 Produção de caso em esquete improvisado

Na definição dos dois gêneros precedentes, não havia nada que demarcasse se a produção textual era baseada em fatos reais ou fictícios. Tal distinção aparece neste verbete, evidenciando mais uma escolha ou imposição do gênero a ser considerada na produção dos alunos.

CASO (CAUSO): relato/conto/narrativa (v. verbetes de dicionário) geralmente falado, fato ou conjunto de fatos, relativamente curto(a), que trata de um acontecimento, fato ou conjunto de fatos, reais ou fictícios, como casos do dia a dia ocorridos com pessoas, animais, etc., ou de histórias da imaginação das pessoas, como "causos" ou contos populares (v.) da Mula Sem Cabeça, Lobisomem, etc., conhecidos como contos (v.) de assombração. Esses contos, por exemplo, diferenciam-se dos contos populares (v.) de fada ou outros, por não começarem por "era uma vez...", mas por "certa noite", "em um lugar tenebroso", "era meia-noite...". (COSTA, 2009, p. 58).

No caso da produção do caso, enquanto o esquete de alguns grupos reproduzia fatos reais, o de outros abordava fatos fictícios. No entanto, na produção de todos os

grupos, ficou bastante clara a predominância dos tipos textuais narrativo e descritivo. Além disso, outro fato que salta aos olhos na definição deste gênero é o que diz respeito à sua estrutura. Quando o autor diferencia o caso do subgênero contos populares, ele evidencia que tal diferença encontra-se na forma de se iniciar esses gêneros.

Essa diferença serviu-nos para problematizar a identificação do gênero por parte dos demais alunos, indagando se o esquete produzido reproduzia um gênero ou um subgênero. Ademais, tal fato também possibilitou a compreensão de que os fatos linguísticos são estudados por várias teorias que tecem conceitos de acordo com seus propósitos. A título de exemplo, foi exposto a noção de "efeito de gênero" que, segundo Charaudeau (2012, p. 142), trata de um efeito resultante "de alguns procedimentos de discurso que são suficientemente repetitivos e característicos de um gênero para tornar-se o signo deste". Com isso, pretendemos evidenciar que a Ciências da Linguagem ocupa seu lugar enquanto campo de investigação científica com diversas teorias linguísticas.

Não obstante, o destaque maior na produção deste esquete está na questão da variação linguística. Isso porque, até as duas últimas produções, privilegiava-se a escolha da variação de registro, mais especificamente em relação ao grau de formalismo, destacando-se a bipolaridade entre língua padrão e não padrão. Fato, aliás, que se constitui como uma das habilidades a ser trabalhada no Eixo Temático II - Linguagem e Língua do CBC de Língua Portuguesa (2014): "24.4. Usar a norma padrão de concordância verbal e nominal em situações comunicativas e gêneros textuais que a exijam" (CBC, 2014, p. 121)

A partir da produção deste esquete, no entanto, os alunos puderam perceber também a importância da variação dialetal na produção deste gênero, visto que houve grupos que colocaram em evidência a dimensão territorial, geográfica ou regional; a dimensão social (classe social, nível de escolaridade, classe econômica); a dimensão da idade dos interlocutores e a dimensão do sexo destes (TRAVAGLIA, 2009, p. 42-47).

Por fim, essas produções também nos fizeram evidenciar a relação entre oralidade e escrita em obras de cunho estético. Isso porque alguns grupos exploraram a ficção com um viés tão artístico que acabou conduzindo as nossas discussões para o teatro e para a literatura. Assim, reproduzo o início da obra *Grande sertão: veredas*, de

Guimarães Rosa, com o intuito de demonstrar que este trabalho poderia ter uma continuidade muito produtiva com os estudos literários, visto que várias dimensões da variedade linguística abordadas pelos grupos poderiam encontrar um lugar privilegiado no estudo da relação entre língua, linguagem e literatura:

Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser - se viu -; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram - era o demo. (ROSA, 2001, p. 23).

Nesse trecho, poderíamos fazer várias relações com os aspectos linguísticos com os quais alguns grupos estruturaram o caso que produziram. Além disso, esse próprio gênero poderia ser facilmente identificado na obra de Guimarães Rosa. Tratar-se-ia, é claro, de um outro trabalho, cuja criatividade e necessidade de pesquisa se imbricariam uma vez mais na (e para a) sala de aula.

Considerações finais

Este relato de experiência demonstra que o elo entre teatro, linguística e educação constitui-se um método bastante produtivo para se trabalhar com os gêneros textuais orais a partir de esquetes improvisados. Acreditamos que os três exemplos apresentados evidenciam a exploração de vários temas relacionados ao ensino de língua materna em consonância com teorias atuais e com documentos que orientam o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Brasil, permitindo ao aluno ser protagonista desse processo de ensino-aprendizagem.

A partir da produção de cada gênero textual oral, os alunos compreenderam que cada um deles desempenha papéis sociais específicos nas diversas situações de comunicações em que se deparam ao longo da vida. Com isso, perceberam a importância

do estudo dos gêneros textuais ao identificá-los também segundo especificidades linguísticas e conforme a noção de tipo textual e de estrutura composicional.

Por fim, conseguimos desenvolver um trabalho que cumpria várias exigências pedagógicas, como ativação de conhecimento prévio, aulas expositivas, produção e avaliação em um tempo adequado a uma divisão complexa de carga horária a que estão submetidos os cursos integrados. Tudo isso privilegiando o instinto da curiosidade e da pesquisa que nos guiou, mostrando-nos, inclusive, o seu caráter inesgotável que pode e deve continuar através, por exemplo, da relação entre língua, linguagem e literatura. Fato que nos levou a compartilhar essa experiência cujo percurso científico ainda pode receber muitas contribuições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. – Língua Portuguesa**. Brasília : MEC/SEF, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. Organização de Aparecida Lino Pauliukonis e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.
- COURTNEY, Richard. **Jogo teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discours et analyse du discours**. Paris: Armand Colin, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. *Conteúdo Básico Comum: Língua portuguesa*. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BBB6AC9F9-ED75-469E-91A4-0766F756C2D%7D_LIVRO%20DE%20PORTUGUES.pdf. Acesso em: 18 nov. 2014.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino da Gramática no 1º e 2º Graus**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Doutorando em Estudos Linguísticos pela UFMG. Possui Mestrado em Estudos Linguísticos por essa mesma instituição. Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMG - Congonhas. Área de atuação: Língua portuguesa e literatura/ Língua Estrangeira Moderna - Espanhol. Em 2015, lançou o livro *Semiótica, éthos e gêneros de discurso nas canções-poemas de Maria Bethânia*. Atualmente se dedica ao estudo do discurso diplomático a partir de textos de embaixadores do Brasil, da Espanha e da França. Email: rafael.andrade@ifmg.edu.br.